



INFORMALIDADE E PRECARIZAÇÃO DO TRABALHO DE CATAÇÃO DE MATERIAIS RECICLÁVEIS NO BRASIL: PONTOS PARA DEBATE

Wesley Borges Costa¹

Manoel Rodrigues Chaves²

Universidade Federal de Goiás *Campus* Catalão

wes_borges@hotmail.com

Resumo Neste artigo visa, de maneira breve, discutir alguns pontos sobre o trabalho dos catadores de materiais recicláveis no Brasil, destacando postos seminais como a precarização e a informalidade, ensejando compreendê-lo dentro da lógica de reprodução ampliada do capital. Assim, a fim de contribuir para o fortalecimento do debate temático, o texto parte do reconhecimento do avanço, nas últimas décadas, das formas de organização destes trabalhadores em associações e cooperativas, mas que, no entanto, impera a negação das garantias legais, relações de trabalho precarizadas e exploração da mão de obra pelo circuito econômico da reciclagem que, através da dinâmica territorial do capital, tem nesses trabalhadores a força necessária à maximização dos lucros e ampliação da miséria de uma classe já “excluída” do processo do mercado formal de emprego, cuja realidade nos coloca indignados diante do discurso de ganhos ambientais, sociais e econômicos, uma vez que a realidade demonstra a existência de estrutura piramidal deste segmento que os subordinam e não os retiram da situação de extrema pobreza e de condições subumanas de trabalho, sendo necessário e urgente o rompimento da referida estrutura para que haja efetivamente geração de emprego e renda. Neste sentido, a ideia motriz do presente texto é (re)pensar o significado do trabalho na catação, bem como de discutir as condições de trabalho do catador, seja este cooperado ou individual. Do mesmo modo, as ponderações presentes neste texto fazem parte das reflexões de pesquisa que estão em desenvolvimento junto ao Programa de Pós-graduação em Geografia da Universidade Federal de Goiás e ao grupo de pesquisa Dinâmica dos Ambientes, Planejamento e Gestão Ambiental (GEDAP) e realizada com o apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

Palavras-chave: Trabalho. Catadores de recicláveis. Precarização. Informalidade.

¹Licenciado em Geografia pela Universidade do Estado da Bahia. Especialista em Meio Ambiente e Desenvolvimento pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. Mestrando em Geografia pela Universidade Federal de Goiás, *Campus* Catalão. Bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e membro do Grupo de pesquisa Dinâmica dos Ambientes, Planejamento e Gestão Ambiental (GEDAP-UFG).

² Professor Associado da Universidade Federal de Goiás, *Campus* Catalão. Doutor em Geografia pelo Instituto de Geociências e Ciências Exatas UNESP/Rio Claro (2003). Orientador da pesquisa de Mestrado realizado junto ao Programa de Pós-Graduação em Geografia da UFG/CAC.



Introdução

As reflexões presentes neste texto têm o caráter de ensaio e fazem parte, preliminarmente, da discussão e pesquisa realizadas junto ao Programa de Pós-graduação em Geografia da Universidade Federal de Goiás e representa o esforço da árdua tarefa de construção e fortalecimento do arcabouço teórico metodológico.

Neste sentido, as diversas oscilações e mutações do capitalismo engendraram novas possibilidades de (re)pensar os sentidos do trabalho no limiar do século XXI, em especial o papel dos catadores e a efervescência da organização desses trabalhadores em cooperativas e associações nas últimas décadas. As reflexões partem do reconhecimento que o lixo, atualmente considerado como resíduo sólido, sempre foi considerado o último setor de interesse político, econômico e social, posto que as abordagens temáticas, amiúde, apesar do avanço nas pesquisas acerca da problemática dos resíduos no Brasil, ainda encontramos análises superficiais ancoradas apenas em aspectos técnicos, ambientais e legais, uma forte relação temática acerca do trabalho dos catadores em diversos centros de pesquisa das universidades brasileiras, mas poucos trabalhos rompem com o aparato técnico. Observa-se nas ciências sociais e humanas a necessidade de compreender o fenômeno do trabalho no lixo a partir do questionamento sobre o papel dos trabalhadores catadores na indústria da reciclagem, questões profícuas como a reinserção do lixo na lógica capitalista de produção, a luta de classes via ampliação da pobreza e negação ao acesso ao mundo do trabalho têm sido (re)pensados no contexto da dinâmica estratégica da reprodução ampliada do capital.

Neste sentido, faz-se necessário pensar os sujeitos que vivem do/no “lixo”, marginalizados na estrutura social do trabalho, posto que com o alvorecer das cooperativas de catadores e usinas de triagem novos destinos e alternativas se delineiam frente aos desafios de se (re)pensar os sentidos da catação e do trabalho, bem como entender a cidade e os seus desafios de inserção e negação ao mercado de trabalho formal, cabendo a estes o esforço contínuo de se organizarem em cooperativas e associações a fim de romperem com lógica do desemprego e da informalidade.

Desse modo, a fim de contribuir para o fortalecimento do debate sobre o trabalho de catação, abordaremos inicialmente a inserção da reciclagem no circuito



econômico industrial, ressaltando a importância do catador como sustentáculo deste processo para que possamos ter subsídios para delinear pontos seminais para o debate como a informalidade e a precarização do trabalho na qual os catadores estão/são submetidos na atual e “moderna” fase do capital.

A reciclagem no circuito econômico industrial a situação de informalidade e precariedade do trabalho dos catadores de recicláveis

As constantes transformações decorrentes da crise estrutural do capital têm colocado a indústria da reciclagem como um segmento de grande expressão cuja territorialização agrega os demais agentes (catadores, compradores, atravessadores e empresários) que compõem e sustenta este circuito, sendo os trabalhadores catadores a base do processo, ou seja, a estrutura da cadeia produtiva da indústria da reciclagem entendida como piramidal, constituindo a base milhões de catadores, na faixa intermediária os atravessadores e no topo o número ainda reduzido de indústrias que têm o reaproveitamento de materiais como matéria-prima.

Para Gonçalves (2009), na primeira década do século XXI é marcada pela visibilidade dos trabalhadores que desempenham a catação de materiais recicláveis e salienta que o desenvolvimento das atividades vinculadas ao circuito econômico da reciclagem de resíduos no Brasil vem ocorrendo em quase todos os ramos desse setor. O número dos trabalhadores na catação tem alcançado índices surpreendentes o que garante a sustentabilidade do processamento industrial dos materiais garantindo maior ganho via exploração do trabalhador, diminuição do uso de matérias-primas, economia de energia e, conseqüentemente, maximização dos lucros³.

Souza (2011, p. 65), por sua vez, reconhece que os catadores são trabalhadores cuja existência antecede os marcos da visibilidade nos cenários urbanos, despertando a atenção como discussão acadêmica a partir da década de 1990 quando temas ligados aos excluídos sociais e as relações de trabalho (novas relações contratuais, exclusão dos postos de trabalho formal, vulnerabilidade dos pobres ao

³ Em 2005, o Centro de Desenvolvimento Sustentável da Universidade de Brasília através do artigo “Resíduos sólidos estão entre os problemas emergenciais dos futuros prefeitos”, presente na página eletrônica <http://www.comciencia.br/200412/noticias/2005/lixo.htm>, apontou que no Brasil mais de um milhão de trabalhadores exerciam a catação de materiais recicláveis. Acesso em 07.06.2012.



desemprego), passam a ser de interesse de pesquisadores ligados à área social. Para ele, “[...] Os catadores(as) fazem parte desta engrenagem de longa data nos cenários urbanos, mas tornam-se visíveis como sujeitos das cidades brasileiras a partir da virada da década de 1990 para o novo milênio[...].

Bosi (2008), salienta que a existência de pessoas que vivem do lixo não é algo recente no Brasil⁴. Para ele,

Quando os catadores fizeram-se visíveis nas grandes cidades, era possível quantificá-los em milhares. Estima-se que, no ano de 2005, a população de catadores no Brasil tenha ultrapassado 1 milhão de trabalhadores. O crescimento dessa força de trabalho foi bastante intenso nos últimos quinze anos. Se considerarmos, por exemplo, que no ano de 1999 existiam cerca de 300 mil trabalhadores envolvidos com a cata de recicláveis, o aumento percebido em relação ao ano de 2005 foi superior a 240%. (BOSI, 2008, p. 103)

Tal crescimento, segundo Bosi (2008) encontra-se em paralelo com outros países da América Latina (Argentina e Colômbia) e, ao abordar sobre a estruturação do setor de reciclagem, argumenta que a expansão histórica desse setor guarda relação direta com a ampliação do número de catadores, ou seja, o que tornou possível e viável a indústria da reciclagem foi o numeroso contingente de trabalhadores, desocupados ou semi-ocupados, convertível em catadores transformando o negócio lucrativo.

A partir do exposto, observa-se a existência de tramas estabelecidas pelo mercado de recicláveis que seguem toda uma estrutura e logística que garantem a sobrevivência do setor, ou seja, o crescimento da atividade fabril de reaproveitamento, tipicamente urbana, centra-se numa estrutura que lhe dá suporte e garante o *marketing* social (e ambiental) e os ganhos econômicos. Segundo Gonçalves (2009),

Toda essa dimensão social e econômica territorializa-se em vários centros urbanos brasileiros, formando uma estrutura de compra-venda, transporte e armazenamento e pré-processamento de mercadorias, que conforma uma complexa trama de relações, geralmente marcadas pela informalidade econômica e de trabalho, ocupando nas diferentes atividades do setor um expressivo contingente de trabalhadores, sobretudo na catação de resíduos. Tal estrutura é composta em sua base pelos trabalhadores catadores, pelos compradores (intermediários, atravessadores que vão até os lixões, ou fazem aquisição do material junto aos catadores que atuam nas ruas das cidades

⁴ Presentes em poemas (“O bicho” de Manuel Bandeira (1947); na peça teatral “Homens de Papel” de Plínio Marcos (1978). Vale ressaltar com igual relevância os poemas e diários de Carolina Maria de Jesus (1958).

autonomamente ou em cooperativas/associações), que por sua vez podem comercializar com outros intermediários de maior porte, com capacidade de estocagem e triagem, ou diretamente com as indústrias da reciclagem. Estas, por sua vez, compram os resíduos recicláveis de acordo com o tipo de material que lhes interessa processar. (GONÇALVES, 2009, p. 2)

Montenegro (2011) reconhece o catador como o elo mais frágil da corrente que une o setor da reciclagem. Segundo ele, os catadores insere-se a uma massa de trabalhadores sem unidade significativa, organização coletiva ainda embrionária para o trabalho (cooperativas e associações), cujos aspectos como exploração da força de trabalho e o subemprego são as características marcantes na constante busca de assegurar as condições mínimas de sobrevivência através da realização diária de formas de trabalho, em geral, extremamente precarizadas.

Para Burgos (2008),

No contexto recente das transformações no mundo do trabalho (políticas neoliberais, pós anos 70), trabalhadores pobres urbanos, sobrantes dos mais diversos setores, vêm sendo (re)inseridos produtivamente como catadores de materiais recicláveis no conjunto de atividades inscritas na base da indústria da reciclagem, em pleno processo de estruturação. (BURGOS, 2008, p. 51)

Para a autora, o conjunto de atividades da indústria da reciclagem apresenta algumas contradições, uma vez que o labor realizado pelo catador realiza no processo de trabalho não representa um produto, à medida que, segundo ela, a experiência de (re)inserção produtiva não o faz dele um “trabalhador autônomo”, nem um trabalhador “assalariado”. Ela tece considerações incisivas ao afirmar que o trabalho do catador aparece dissociado do processo produtivo, uma vez que a economia alcançada com a reciclagem é para além da matéria prima, alcançando as relações de trabalho estabelecidas entre o catador e a indústria. Burgos (2008), ainda aponta pontos cruciais ao entendimento da indústria da reciclagem e sua lógica de barateamento tanto da mão de obra quanto da matéria prima, posto que ela considera fundamental apontar que este barateamento se consegue graças ao trabalho não pago ao catador.

Bosi (2008), ao fazer um levantamento sobre as reflexões acadêmicas que versam sobre o trabalho do catador, aponta três vertentes de leitura desta realidade, a saber: a) formas alternativas de geração de renda para trabalhadores ditos “excluídos”; b) construção de “novos sujeitos” e (c) saúde pública. Sendo predominantes as duas



primeiras abordagens nas Ciências Humanas e Sociais. Neste cenário teórico, o autor aponta, há um grande debate sobre a informalidade, formalidade, distinção entre trabalho e mercado de trabalho, entre “inclusão” e “exclusão” social.

A despeito desse questionamento, a cata de recicláveis geralmente tem sido apreendida como uma modalidade de trabalho “autônomo”, uma “invenção” do próprio trabalhador, uma “oportunidade” em meio às reconhecidas mudanças no mundo do trabalho responsáveis pelo encolhimento do número de empregos “formais”. (BOSI, 2008, p. 102)

A grande oferta de mão de obra, a busca incessante pelos materiais recicláveis e os baixos preços desses materiais na comercialização são pontos seminais que contribuem significativamente para que os catadores permaneçam em condições precárias de trabalho e de vida. A grande oferta de produtos refutados e passíveis de reaproveitamento tem motivado a inserção de um número cada vez maior de trabalhadores na catação, uma vez que a baixa escolaridade e a exigência cada vez maior pelo mercado de trabalho de qualificação profissional, os colocam entre as atividades laborais que mais cresce ano a ano, embora a inexistência de dados oficiais constitua um sério entrave à possibilidade de análise e reflexão mais profícua sobre a realidade dos catadores no Brasil. Contraditoriamente, dados apontam que a taxa de reaproveitamento de resíduos sólidos com potencial de reciclagem e/ou reaproveitamento ainda é incipiente no país, alcançando índices muito baixos frente ao total gerado⁵.

Assim, na atual conjuntura de crise e reestruturação do capital e da metamorfose do mundo do trabalho fruto deste período, os trabalhadores que não se “enquadram” nas especificações e exigências cada vez maiores do mercado de trabalho podem e são reinseridos na lógica de reprodução do capital, como catadores.

Desse modo, a organização dos trabalhadores catadores em associações e cooperativas pode ser entendida como uma forma de empenho coletivo de amenizar a precariedade e insegurança do trabalho na lógica desleal da reprodutividade do capital que apoiada na informalidade o espaço ideal para a ampliação dos ganhos com a recuperação dos materiais inutilizáveis e reintrodução dos mesmos no circuito produtivo

⁵ Informação publicada pela Fundação AVINA via publicação da “Reciclagem sustentável e solidária”. Disponível em <http://avina.net/por/wp-content/uploads/2011/11/rec.pdf>.



via barateamento da matéria-prima. Tal possibilidade se dá graças ao trabalho de inúmeros trabalhadores catadores pelas ruas, lixões e aterros pelas cidades brasileiras.

A cadeia produtiva de reciclagem, como exposto ao longo do texto, envolve múltiplos atores (indústrias, empresas, órgãos públicos, cidadãos e catadores) que desempenham funções diferenciadas, hierarquizadas, mas complementares.

(Re)pensando o trabalho de catação: pontos e contrapontos da precarização do trabalho

A notoriedade alcançada pelas cooperativas de catadores de recicláveis e os desafios encontrados na implementação de projetos de coleta seletiva nas cidades brasileiras vêm constituindo-se em um elemento relevante para se pensar a (re)estrutura de organização coletiva do trabalho no circuito inferior da economia na qual envolve o mercado de reciclagem, haja vista que as significativas mutações, persistências e resistências ao trabalho institucionalizado têm representado um processo de embate à sobrevivência das cooperativas e associações de catadores de recicláveis no Brasil.

Gonçalves (2011, p. 21) salienta que “mesmo que em alguns casos estas mudanças signifiquem pequenas melhorias nas condições precárias de realização do trabalho e na renda, de fato não alteram o poder de forças neste mercado.” O referido autor aponta ainda que as mudanças ocorrem na forma de realização e organização do trabalho e não relação estabelecida com os demais agentes do mercado da reciclagem.

Leal et. al.(2002), ao refletirem sobre o processo de reciclagem dos resíduos sólidos, abordam a situação da reciclagem de resíduos sólidos na lógica societal do capital e argumenta que

A reciclagem vista como possibilidade de recuperação lucrativa dos resíduos sólidos para o circuito de consumo de mercadorias, nos conduz a uma desmistificação com relação aos ganhos ambientais por ela proporcionados, já que [...] o seu principal estímulo é a obtenção de lucros e não a preservação ambiental, que para sociedade que está sob à égide d capital é uma situação contraditória, pois como preservar e estimular o consumo ao mesmo tempo? (LEAL et. al, 2002, p. 179)



Medeiros e Macedo (2006) argumentam que, indubitavelmente, há os inegáveis ganhos ambientais para a sociedade através do trabalho dos catadores, no entanto, o trabalhador catador ao se inserir neste ramo busca as possibilidades mínimas de garantir sua sobrevivência.

Ainda nesta linha de raciocínio é relevante a contribuição de Ross, Carvalhal e Ribeiro (2010). Segundo eles,

Numa breve crítica sobre a contribuição do trabalho dos catadores podemos constatar a sua importância para o meio urbano, que livra o poder público municipal de atribuições maiores. A catação de reciclagem revela para nós a mais perversa exploração do trabalho, e se apóia no discurso ideológico da preservação ambiental, assim camuflando a realidade dos sujeitos envolvidos na catação/coleta da reciclagem. (ROSS, CARVALHAL e RIBEIRO, 2010, p. 120).

Ainda segundo os autores acima “as longas jornadas de trabalho muitas vezes quase ininterruptas em condições adversas não é pelo simples fato de consciência ambiental e, sim garantir na atividade a sobrevivência.” (ROSS, CARVALHAL e RIBEIRO, 2010, p. 120).

A partir do exposto urge pensar a sociedade contemporânea e a relação sociais na cidade pelo entendimento e reconhecimento que o consumo sem controle e o descarte inconsciente representam a característica da sociedade capitalista ocidental tida como “moderna”. Produzimos, consumimos e descartamos sem uma reflexão mais profunda sob viés crítico desse processo, ações automáticas que são induzidas pelo bombardeio de propagandas sedutoras moldadas por um discurso de praticidade (FIGUEIREDO, 1995).

Catóia (2011) insere dois pontos fundamentais ao debate acerca do trabalho de catação: a cultura de consumo e falta de políticas de planejamento urbano que integrem e incluam os trabalhadores que tem do lixo seu meio de sobrevivência. Para ela a cultura do consumo cria e recria identidades na sociedade (contemporânea) que é classista e excludente, daí se (re)pensar a “face perversa”os grupos de trabalhadores excluídos do trabalho formal.

Paralela a estas discussões, observa-se o discurso do caráter promissor do mercado de recicláveis, incentivado pela Política Nacional de Resíduos Sólidos (Lei nº 12.305/2010) através da criação e apoio ao fortalecimento de cooperativas e associações

XIII JORNADA DO TRABALHO.
"A IRREFORMABILIDADE DO CAPITAL E OS CONFLITOS TERRITORIAIS NO LIMAR DO SÉCULO XXI. OS NOVOS DESAFIOS DA GEOGRAFIA DO TRABALHO"
Pres. Prudente/SP, 09 a 12 de outubro de 2012
ISSN - 978-85-60711-19-2
Co-realização CEREST - P. Prudente/SP

de catadores. No entanto, dois aspectos são fundamentais ao entendimento desta lógica: a pobreza e a precarização do trabalho dos catadores. Seria equívoco negligenciar o perfil dos cooperados, a estrutura de trabalho e a gestão interna que é crucial a permanência dos trabalhadores na formalidade. Mas seria correto falar em pobreza e desenvolvimento ambiental tendo em vista que os catadores de “lixo” estão em processo de inclusão social? Sem dúvida, como afirma Santos (2008b), três níveis de pobreza podem ser vistos e devem ser contextualizados a partir da experiência dos catadores de “lixo”: a “incluída”, a “marginalizada” e a “estrutural globalizada”. A primeira corresponde à inadaptação social, vista como “acidente natural”; a segunda, considerada como doença da civilização, produto do processo econômico; e a última refere-se à negação do Estado à proteção social, na qual o desemprego e a péssima remuneração dada aos trabalhadores ceifam a possibilidade de emancipação social. As três, unidas e imbricadas entre si, revelam a realidade por trás dos rostos e da vergonha que muitos catadores de “lixo” têm em se assumirem como agentes de sua própria história. Existentes no meio urbano, presentes inicialmente em espaços urbanos, as cooperativas formam um forte segmento do ponto de vista econômico e social, porém frágeis frentes ao lado perverso deste processo personificados pela figura dos atravessadores e dos preços estabelecidos pelas indústrias de reciclagem que ditam a regra do jogo, ou seja, o que, de quem e de onde comprar o material coletado, estabelecendo preços desumanos que desestimulam a permanência no trabalho coletivo, reinserindo-os na informalidade, posto que o setor informal pode ser compreendido como uma forma de manutenção da ordem social e, assim sendo, uma possibilidade de análise da luta de classe.

De acordo com esta ideia, as atividades desenvolvidas no setor informal cumprem um papel social e econômico que é o de ocupar os trabalhadores desqualificados e que vivem em uma situação de pobreza e de desemprego.

No entanto, o certo é que as cidades, cada vez mais, vêm se constituindo em *locus* da perversidade e campo de luta de classes que repercute no esfacelamento das relações sociais e aprofundamento da pobreza. As exigências cada vez maiores do mercado de trabalho e a pouca ou frágil condição ofertada pelo Estado ao desenvolvimento pleno do ser humano, a muitos é negada a oportunidade de se profissionalizar, cabendo, notoriamente, a busca por segmentos alternativos da



economia na qual as cooperativas de catadores hoje também se inserem. Neste sentido, cabe entender os catadores dentro do (seu) mundo, os reconhecendo como sujeitos sociais, como defende Souza (2011), dentro da singularidade das experiências concretas os conduzem à busca ao direito ao trabalho e à vida.

Considerações Finais

As questões inerentes ao acesso ao mercado de trabalho perpassam pelo entendimento que a crise estrutural do capital alicerçada pela metamorfose do trabalho, faz-se mister reconhecer as novas e velhas práticas de inserção de massas consideráveis de trabalhadores e trabalhadoras que diante do desemprego e da informalidade integram um grupo social cujo meio de trabalho os tornam também descartáveis para o perverso processo de estruturação produtiva que ao mesmo tempo que são descartáveis nos segmentos formais de trabalho, na informalidade são indispensáveis ao desejo incessante da lógica do capital que é a obtenção de lucro via precarização das relações de trabalho.

Há uma trama de relações e negações onde os sujeitos do lixo são invisíveis perante o discurso e as indústrias de recicláveis, posto que mesmo com a formalização do trabalho via cooperativas e associações a inconstância da renda, bem como a inexistência de vínculo e garantias trabalhistas como seguridade social os colocam a mercê de ações políticas compensatórias como programas de transferência de renda e cestas básicas a fim de complementarem os poucos rendimentos obtidos no trabalho de catação. Não obstante, cabe salientar que a dependência da estrutura do sistema de gerenciamento dos resíduos exercido pelo poder público local (prefeituras e secretarias) por vezes não alcançam resultados positivos, no entanto e, contraditoriamente, sem esta “parceria” a inviabilidade da coleta e separação dos materiais recolhidos se torna limitante e real.

Daí pensarmos enquanto pesquisadores do estabelecimento de ações que conduzam este segmento à emancipação social do trabalho via atuação permanente junto às cooperativas e associações a fim de dirimir o papel dos atravessadores e



especuladores que em diversos lugares, pelo país a fora, são reconhecidos como os empresários do lixo, que assim se tornam graças ao trabalho de garimpagem do/no lixo.

Referências

BOSI, Antônio de Pádua. A organização capitalista do trabalho "informal": o caso dos catadores de recicláveis. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**. [online]. 2008, vol. 23, n.67, pp. 101-116.

BRASIL. **Política Nacional de Resíduos Sólidos**. LEI Nº 12.305, de 2 de agosto de 2010. Disponível em <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2010/lei/112305.htm> Acesso em 10 ago. 2010.

BURGOS, R. **Periferias urbanas da metrópole de São Paulo**: territórios da base da indústria da reciclagem no urbano periférico. 357 f. Tese. (Programa de Pós-graduação em Geografia Humana). Universidade de São Paulo. 2008.

CANTÓIA, S. F. trabalho nas cooperativas de materiais recicláveis: entre a teoria e a prática. **Revista Pegada Eletrônica**, Presidente Prudente, vol. especial, 31 julho 2011. Disponível em: <<http://www.fct.unesp.br/ceget/pegadaesp2011/03CANTOIAESP2011.pdf>>. Acesso 05.05.2012.

FUNDAÇÃO ANVINA. **Reciclagem sustentável e solidária**. Disponível em: <http://avina.net/por/wp-content/uploads/2011/11/rec.pdf>. Acesso em 07.08.2012.

GONÇALVES, M. Transformações e permanências no trabalho de catação: organização e precarização. **Revista Pegada Eletrônica**, Presidente Prudente, vol. especial, 31 julho 2011. Disponível em: <<http://www.fct.unesp.br/ceget/pegadaesp2011/02GONCALVESESP2011.pdf>>. Acesso em: 05.05. 2012.

_____. Cooperativas e associações de catadores: formação e organização do trabalho na raia divisória SP- PR- MS. In: **Anais da X Jornada do Trabalho**: a importância da teoria para a transformação social e a imprescindibilidade da pesquisa para a materialização da práxis emancipadora da classe trabalhadora no século XXI. 2009. Disponível em: <http://www4.fct.unesp.br/ceget/anaisxjornadatrabalhos.htm>. Acesso em 05.05.2012.

LEAL, A. C. et al. A reinserção do lixo na sociedade do capital: uma contribuição ao entendimento do trabalho na catação e na reciclagem. **Revista Terra Livre**, São Paulo, ano 18, n. 19, p. 177-190, jul/dez, 2002.

XIII JORNADA DO TRABALHO.
"A IRREFORMABILIDADE DO CAPITAL E OS
CONFLITOS TERRITORIAIS NO LIMÍAR DO SÉCULO XXI.
OS NOVOS DESAFIOS DA GEOGRAFIA DO TRABALHO"
Pres. Prudente/SP, 09 a 12 de outubro de 2012
ISSN - 978-85-60711-19-2
Co-realização
CEREST - P. Prudente/SP

MEDEIROS, L. F. R. de.; MACÊDO, K. B. Catador de material reciclável: uma profissão para além da sobrevivência? **Revista Psicologia & Sociedade**, n. 18, vol. 2. 2006, p. 62 – 71.

MONTENEGRO, D. M. Trabalho, lixo e lucro: precariedade do trabalho no circuito econômico da reciclagem. In: **Anais do XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais: diversidades e (des)igualdades**. Salvador. Universidade Federal da Bahia, 2011. Disponível em: http://www.xiconlab.eventos.dype.com.br/resources/anais/3/1308335335_ARQUIVO_TRABALHOCOMPLETO-XICONGLUSOAFROBRASCASOCIAIS.pdf. Acesso em 15.07.2012.

RODRIGUES, A. M. **Produção e consumo do e no espaço**: problemática ambiental urbana. São Paulo: HUCITEC, 2006.

ROSS, D.; CARVALHAL, M. D, RIBEIRO, S. Q. A precariedade do trabalho dos catadores de material reciclável no oeste paranaense e a dinâmica estratégica da reprodutividade do capital. **Revista Pegada Eletrônica**, Presidente Prudente, vol. 11, n. 2, 31 dezembro 2010. Disponível em: <http://www.fct.unesp.br/ceget/pegada112/06ROSS1102.pdf>. Acesso em: 26.05.2012

SANTOS, M. **Por uma outra globalização**: do pensamento único à consciência universal. 15. ed. Rio de Janeiro: Record, 2008.

SOUZA, J. A. de. **Catadores de lixo**: narrativas de vida, políticas públicas e meio ambiente. Jundiaí: Paco Editorial, 2011.